

JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO ESCOLAR: PERCEPÇÕES ESTUDANTIS

Aglailton da Silva Bezerra¹
Ana Clara de Castro Lopes²
Evelane Mendonça Lima³
Rosemary de Oliveira Almeida⁴

RESUMO

A escola se apresenta como um espaço de trocas e vivências que são permeadas pelas realidades dos sujeitos que as compõem. Nesse sentido é preponderante, na modalidade Ensino Médio, a presença de jovens que correspondem a essa realidade plural, na qual se configuram como juventudes. Sendo assim, ao relacionar a presença das juventudes na condição de pluralidade no âmbito escolar, questiona-se como se dá essa participação nesse espaço e se a mesma é percebida e materializada como instrumento de manifestação da autonomia juvenil. Portanto, este trabalho busca evidenciar essa aproximação com o objetivo de fomentar o debate sobre a relação participação escolar e juventudes, ao perceber que as sociabilidades se manifestam de forma heterogênea, sobretudo para esse público. Como fruto inicial, observou-se que o grêmio estudantil é visto como instrumento de mobilização central dos estudantes e sua articulação rompe com a lógica institucional e provoca questionamentos, debates sociais e intervenções oriundas no território onde estão situados. Como resultados iniciais, percebe-se a necessidade de fomento a debates com características sociais que permeiam suas realidades, demandas que não apresentam foco na instituição escolar numa condição tradicional de educação, bem como a necessidade de compreensão da participação escolar de modo plural, não alicerçada unicamente na representação estudantil.

Palavras-chave: Participação Escolar, Juventudes, Sociabilidades.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é proveniente da disciplina de Prática de Formação III ofertada pelo curso de Ciências Sociais- Licenciatura, da Universidade Estadual do Ceará- UECE, que pretende discutir acerca da cultura escolar, bem como os espaços escolares e as sociabilidades juvenis. Como percurso central de análise dessa relação e como atividade prática da referida

¹ Graduando pelo curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará – UECE, aglailtonsb@gmail.com.

² Graduanda pelo curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará – UECE, ana73026@gmail.com.

³ Graduanda pelo curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará – UECE, evelane.mendonca1@gmail.com.

⁴ Professora orientadora: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Coordenadora e professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE e da Pós-Graduação em Sociologia da UECE, rosemary.almeida@uece.br.

disciplina na escola, realizamos grupos de diálogos que, conseqüentemente, subsidiaram a presente produção.

Utilizamos dois autores como principais bases teóricas: 1) Wivian Weller (2006), que em seu texto “*Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência como método*” analisa a importância de se dar ênfase ao processo metodológico no que tange às pesquisas científicas, visando refletir acerca do uso de ferramentas metodológicas como *os grupos de discussão* a partir de uma pesquisa sobre grupos de *hip hop* na cidade de São Paulo e na cidade de Berlim. Inicialmente, com foco na diferenciação entre as ferramentas de *grupo de discussão* e *grupos focais* e, em seguida, uma discussão acerca das metodologias empregadas e suas contribuições em pesquisas com adolescentes e jovens (tendo os grupos de discussão como principal referencial). Para a Wivian Weller, o uso da ferramenta de *grupo de discussão* colabora com a imersão da pesquisadora/pesquisador em seu campo de análise reduzindo os riscos de interpretações equivocadas, haja vista que há uma menor intervenção da entrevistadora/entrevistador na condução da entrevista. Assim, há maior proximidade com universo dos sujeitos envolvidos na pesquisa; e 2) Juarez Dayrell (2013) com seu artigo sobre “*Juventudes e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar*”, que discute a respeito da relação entre o grêmio escolar, professores e direção, marcada por conflitos e interesses dentro da escola.

A realidade escolar é permeada por correlações de forças que se manifestam ao longo de sua existência e o público jovem, na condição de estudantes, sofre os desdobramentos dessas correlações que são múltiplas, desde a precarização da instituição educacional no quesito estrutural à falta de professores e sua, conseqüente, desvalorização. Como resposta, observam-se as múltiplas participações no âmbito escolar, no qual é perceptível que sua centralidade se dá na mobilização interna em prol de uma educação de qualidade, na qual não se alicerce exclusivamente em uma perspectiva central nos conteúdos das disciplinas e sim, que tenha como horizonte também os problemas sociais, principalmente, territoriais.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a da abordagem qualitativa, tendo como pressuposto a necessidade de relacionar os olhares e percepções estudantis acerca do entendimento da

participação escolar, bem como ferramenta principal de utilização o uso de rodas de conversas/ rodas de diálogos.

Utilizamos como ferramenta metodológica, além das rodas de conversas, a observação participante e o preenchimento, por parte dos alunos, de uma Ficha de Identificação que visava traçar um perfil etário e de moradia⁵, dos participantes, bem como as visões que possuíam sobre “*O que é ser estudante da Fortaleza?*”.

Nosso lócus se deu na escola EEM⁶ Fortaleza, no qual foi valorizada a perspectiva do grupo de discussão ao privilegiar maior aproximação do universo dos alunos e alunas na condução da pesquisa. Foi de imensa contribuição a multiplicidade de discursos que essa ferramenta nos disponibilizou para as questões levantadas por nossa abordagem.

As rodas de diálogos aconteceram no interior da escola em uma sala livre. Na ocasião foram convidados a participar os representantes das turmas, líderes e vice-líderes, de cada turma nos turnos manhã e tarde. Apresentamos um questionamento central e o momento propiciou o amadurecimento de um debate sobre a temática central.

Segundo Weller (2006):

Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. A análise do discurso dos sujeitos, tanto do ponto de vista organizacional como dramático, é fundamental e auxiliará na identificação da importância coletiva de um determinado tema. (pág. 247)

O grupo com o qual realizamos esse primeiro momento era composto por 11 estudantes com faixa etária entre 15 e 17 anos. Antes de lançar a pergunta norteadora “O que era participação escolar para você?” nos apresentamos como estudantes da Uece do curso de Ciências Sociais, assim como explicamos as motivações de estarmos ali, a partir de uma disciplina de prática de formação. Além disso, solicitamos que eles e elas preenchessem uma ficha de identificação que continha nome, idade, série que cursava bairro onde morava e o que

⁵ Através do endereço, da proximidade territorial com a escola, pudemos analisar o sentimento de identificação com o ambiente escolar, bem como com o bairro onde ela está inserida.

⁶ Lê-se Escola de Ensino Médio. A escola está situada no bairro Siqueira, no qual congrega vários bairros menores, tais como Jardim Jatobá I e II, Parque Jarí, Parque São João, Parque Nazaré dentre outros que os estudantes fazem parte. Optou-se por nomear a escola com o nome Fortaleza para garantir o sigilo da mesma por questões éticas.

significava ser estudante da escola Fortaleza. A partir das fichas, nos foi possível uma caracterização inicial desses sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

A escola reflete os diversos aspectos culturais e sociais da sociedade, tendo como referência central o território no qual está localizada. Assim, enquanto espaço educacional, ela pode ser vista e interpretada por várias óticas, nas quais dialogam com esses aspectos já levantados e contribuem para uma interpretação, inicial, como campo sociocultural.

Assim, é importante destacar a educação como um processo no qual possibilita um amadurecimento mútuo entre os sujeitos que compõem essa estrutura, tendo como possibilidade o encontro de saberes científicos e sua articulação com a realidade dos/ das alunos/ alunas. Nesse sentido, é importante salientar a presença de um público diverso, no qual colabora direta e indiretamente para o funcionamento da mesma, partindo da presença do núcleo gestor, composto por direção e coordenações, corpo docente, discente, demais funcionários e familiares.

O processo educativo, segundo a LDB, Lei 9.394/ 96 em seu artigo 1º, deve, estar ancorado em uma estratégia que possibilite uma participação democrática e alinhe uma contribuição efetiva no funcionamento e direcionamento das instituições de ensino, com foco na horizontalidade das ações com fim de garantir melhor rendimento educacional para os/ as estudantes locais.

Desse modo, a participação escolar foi o ponto de reflexão desenvolvido nesse trabalho tendo como *locus* a Escola de Ensino Médio Fortaleza, tendo como participantes os representantes de turma dos turnos manhã e tarde. Discutir participação, sobretudo, no âmbito escolar, possibilita uma compreensão analítica que fortalece uma síntese prévia da escola enquanto campo de disputa permeado por contradições e tensões.

Essas tensões são movidas pelos interesses antagônicos entre essa comunidade escolar que possibilitam a manifestação em defesa de seu ponto de vista pessoal e particular. Daí, pensar a participação escolar significa, inicialmente, provocar questionamentos que culminam na seguinte pergunta: o que é participação escolar e como ela se manifesta?

A participação pressupõe uma ação ativa de um sujeito ou grupo de sujeitos que tende(m) a questionar algo, uma situação que por algum motivo, venha a causar desconforto ou necessite mudança ou até mesmo um aprimoramento. Assim, no âmbito escolar, várias são as formas que permeiam essa participação, nas quais podem ser de forma institucional, via construção e legitimação coletiva de entidades como Grêmios Estudantis, ou via informal, por meio das ações dos próprios envolvidos, no caso dos estudantes isso pode se dar por meio da construção de projetos autônomos ou no cotidiano através de suas ações com os demais.

Para Lima e Lima (2016) participação apresenta um significado amplo:

Em seu sentido corrente, participação significa ato ou efeito de tomar parte, o que pressupõe um ator ativo em processos sociais, políticos, econômicos, culturais, administrativos, que envolvam seus interesses. Constitui um conceito síntese, sendo capturado para expressar ações em quaisquer dessas dimensões, tomadas isoladamente ou não, o que de pronto evidencia diversidade de conteúdo e possibilidade de contradições entre eles. (pág. 25)

As relações sociais presentes na escola e dialogadas diretamente com a construção social do território de referência, possibilitam uma gama de questões que culminam na instituição escolar e provocam essa participação. Torna-se necessário, portanto, pensar esse espaço de modo plural com foco no alcance de uma realidade social diversificada que atenda os anseios do corpo discente, respeitando seus aspectos culturais e sociais.

Desse modo, a participação escolar, como já mencionada, será permeada por interesses distintos, conflitos intergeracionais que expõem suas tensões inerentes ao convívio da comunidade escolar. A mesma será também interpretada por diferentes análises, que partem de uma concepção padrão de participação, cumprimento de tarefas estabelecidas curriculares, e outras de articulação/ mobilização, pautadas na ocupação de espaços que não necessariamente estejam vinculados à sala de aula. A participação, por sua vez, está relacionada a uma visão de mundo oriunda do sujeito ativo dessa ação, na qual sua ação está relacionada com a sua realidade social.

No tocante aos grêmios estudantis, Dayrell e Martins colaboram da seguinte forma ao pensarem a instituição como organização desorganizada:

Inserido na dinâmica escolar, encontra-se o grêmios estudantis, uma instituição que legalmente representa os interesses dos estudantes. Quando se fala em grêmios, logo somos levados a pensar em reuniões marcadas por um calendário pré-estabelecido e com horário pré-determinado, com pauta para assuntos a serem discutidos, durante a reunião, sala própria para encontros, discussões e guarda dos documentos

em locais apropriados, pré-requisitos básicos ao se tratar de uma entidade convencional que funciona na lógica do adulto. (2013, pág. 1269).

Os grêmios estudantis, dentro dessa análise de participação, corroboram para uma perspectiva colaborativa entre os sujeitos com foco na escola e com horizonte de transformação da mesma conforme seus interesses particulares. É importante ressaltar que a construção e manutenção dessas entidades contribuem para uma gestão democrática e consolidação de sujeitos políticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de efetivamente adentrar nas questões que foram suscitadas a partir das rodas de discussões, acreditamos ser relevante destacar a importância da metodologia utilizada como forma de alcance dos estudantes, no qual provocou um amadurecimento que surpreendeu, em certa medida, todos os sujeitos presentes pela leveza dos assuntos abordados. Destacando ainda que, por vezes, a nossa ida à escola parece se limitar ao desenvolvimento de atividades de caráter acadêmico, se distanciando do contato orgânico, do escutar o aluno e aluna. O assunto aqui estabelecido, acerca do que seria participação escolar, permeia questões trazidas pelo corpo discente que foge a dinâmica escolar por vezes.

Com isto quero afirmar a importância de escutá-los, de deixar o alpendre da Casa Grande como coloca Malinowski (1976) e está de fato interagindo com estes sujeitos, que por vezes, são colocados como passivos, mas que na realidade significam e ressignificam suas práticas cotidianas diariamente. Trabalhar desta forma torna-se extremamente necessário.

No primeiro momento realizamos uma roda de diálogo no dia 03 de maio no turno vespertino, na escola Fortaleza, com duração de 1 hora e 2 minutos, com estudantes das três séries que compõem o Ensino Médio. Por sugestão da coordenação os estudantes eram também representantes de sala, ou seja, líderes e vice-líderes, o que, analisando do ponto de vista do qual partimos, representa certa participação/ representação no âmbito escolar.

Dessa forma, iniciamos a roda de diálogo com a pergunta *“O que era participação escolar para você?”*. Inicialmente tímidas e tímidos, mas na medida em que iam se sentindo mais à vontade, falavam bastante, meninas principalmente. Já outros dos presentes optavam por não falar, apesar de alguns estímulos dos mediadores.

Uma das primeiras questões colocadas pelos estudantes foi a de importância de participação no grêmio estudantil, muito jovem inclusive, havia tomado posse na semana em questão. Aproveitando o momento foi colocado como havia sido o processo de formação e eleição de chapa e os estudantes nos disseram que havia sido formada uma chapa única por convite da coordenação aos estudantes interessados. Segundo eles, a coordenação havia pontuado que a formação de chapas daria muito trabalho e tornaria o processo longo e exaustivo, assim formando uma única, mas que atuava composta pelos alunos dos três turnos em funcionamento na escola.

Algumas considerações acerca do grêmio estudantil foram realizadas 1) a importância de, mesmo não compondo a chapa do grêmio, ser necessário que os demais estudantes estivessem sempre procurando os gremistas e propondo questões; 2) Propor atividades fora do ambiente da sala de aula, participando em outros espaços e buscando a efetivação de atividades que chamem a atenção dos estudantes; 3) Ter um grêmio preocupado com as questões práticas do cotidiano escolar, como por exemplo, frequência e participação nas aulas. Percebemos, com isto, que os estudantes visualizam uma posição de singularidade do grêmio no que diz respeito à realização de atividades que, por vezes, a escola não propõe e também uma espécie de dever relacionado ao estabelecimento de relações próximas com os estudantes que não são gremistas.

Em continuidade à compreensão dos estudantes acerca da participação escolar foi interessante à narrativa que fizeram acerca da abertura da escola para a comunidade, através da utilização da quadra poliesportiva, destacando o importante papel exercido pela escola no que concerne ao seu estabelecimento como um espaço para a população. Dentro dessa questão, alguns estudantes pontuaram que, durante o intervalo, principalmente, há uma entrada de outras pessoas, através do muro da escola, ou seja, pulam o muro, e que eles se sentem inseguros com relação a isso, por morarem em uma comunidade/ periferia e por reconhecerem que havia no ambiente escolar estudantes que eram usuários de drogas, relacionado também à questão de tráfico de drogas, não dentro da escola, mas no entorno desta.

Relacionada à eleição do grêmio o mediador perguntou quais propostas foram idealizadas para convencer os demais estudantes a votarem na chapa em questão, nos sendo dito que as principais proposições estavam relacionadas a atrativos culturais, a exemplo da realização da rádio durante o intervalo e os jogos de interclasse. Eles destacaram ainda que antes de iniciar os trâmites da eleição a coordenação se posicionou de forma muito clara ao colocar que toda

proposta do grêmio teria que ser muito bem analisada e que a coordenação poderia barrar as decisões e propostas deles.

Tal situação, em uma análise coletiva após a realização do grupo de discussão, nos suscitou o questionamento acerca de até que ponto os estudantes estariam se articulando tendo em vista da atuação desta coordenação, que, pelo discurso, já impede muitas ações que não chegaram sequer a ser elaboradas. Percebe-se isto, também, pelo modo e o discurso de como foi o processo de escolha da chapa única, a partir da gestão. Lembrando-nos de uma colocação elaborada por Dayrell em que ele diz:

[...] ainda parece prevalecer para alguns adultos a visão do jovem como despreparado para certas atividades. Percebe-se a desqualificação da demanda emanada dos jovens. Na visão do adulto, esses seriam incapazes de propor, de sustentar sua proposição, de interagir com o meio. (DAYRELL, p. 8)

Assim, nos pareceu que existe através da coordenação aspectos de superioridade e maiores conhecimentos de causa e importância com relação aos estudantes e gremistas.

Reconhecendo o grêmio como um órgão de representação estudantil, ou seja, que objetiva representar a todos, foi colocada a questão de representação plural dos estudantes, questão essa que nos foi reconhecida prontamente, não somente por parte do grêmio, mas também da própria escola, que não tornava a instituição um ambiente plural. Segundo as narrativas, algumas pautas relacionadas, por exemplo, ao racismo, homossexualidade, depressão, religião, abuso doméstico e drogas, não eram devidamente debatidos na escola, e isso ocorria principalmente por conta de estudantes que foram apontados como “mentes fechadas”, com os quais o diálogo que foi apontado por eles como primordial no estabelecimento de relações e de debates extremamente atuais, não conseguia ser estabelecido. Tais estudantes visualizam a necessidade de criação de novos ambientes de debate e construção, pois se pautavam apenas nas questões que os moviam, em que acreditavam, chegando inclusive a haver situações desconfortáveis de racismo e intolerância religiosa em momentos promovidos pela escola. Além disso, questiona-se o real interesse da coordenação em relação a construção desses espaços e, por vezes, alheia aos embates que ocorriam dentro da escola. Assim, percebemos por parte dos estudantes a necessidade de falar, de debater temas que se relacionam estritamente às suas realidades escolares, mas que são deixados de lado.

Dessa forma, tendo sido o diálogo e a escola apontados como importantes mecanismos para o debate e a construção de espaços, perguntou-se acerca da utilidade da escola: um espaço de fato para debater essas questões ou um ambiente de estudos das matérias/disciplinas? Como resposta, os estudantes nos responderam que viam a escola como um espaço de debate, construção, aprendizado, socialização e conhecimento de outras realidades e que a família desempenhava também um papel importante de formação, mas não somente ela.

Uma questão final, mas de suma importância que percebemos no grupo de discussão foi à relevância que os estudantes dão ao diálogo, ao debate, destacando o quanto eles relacionam isso a construção de novos espaços e realidades. Percebemos que isto foi tão significativo, que no final do grupo de discussão eles e elas nos agradeceram e relataram a importância de participarem daquele momento em que eles podiam falar das suas dores e angústias, mas também dos sonhos e expectativas.

Dessa forma, analisamos segundo as narrativas dos estudantes o quão proveitoso foi esse momento do grupo de diálogo para eles, mas principalmente o quão importante é para a nossa formação, enquanto futuros professores e professoras, permanecer dialogando com esses sujeitos e também para a nossa formação enquanto indivíduos, partícipes do processo de educação e empáticos com causas que, por vezes, são as nossas causas também.

A partir desse segundo momento de roda de diálogo realizada na escola Fortaleza, tivemos a oportunidade de visualizar, desta vez, enquanto estudantes de Ciências Sociais e não mais como alunos de ensino médio, que a não pouco tempo era a nossa realidade, as várias situações e a multiplicidade de meios de participação escolar. Tanto por meio das eleições de grêmios como através de alunos que, individualmente, criam e elaboram projetos em busca de uma intervenção no cotidiano escolar em prol de melhorias nas condições da escola e que beneficiem a si e aos outros estudantes.

Essa pluralidade não poderia passar despercebida, já que a escola é formada por jovens que, apesar de viverem em bairros próximos e estudarem na mesma escola, vivem realidades sociais de pauperização, e em se tratando de projetos de estudos, familiares, pessoais e sociais, tão distintos. Durante os debates que decorreram no encontro, muito se pôde perceber essas diferenças. Desta vez, sem a supervisão do núcleo gestor, os estudantes se sentiram mais descontraídos para expor certas dificuldades pelas quais passam ao atuarem na participação escolar.

Como já foi dito anteriormente e levando em conta também os conceitos de juventudes que encontramos nas escolas, observamos as diferenças e semelhanças em relação ao que esses jovens entendem por participação escolar. Uns acreditam que participam politicamente frequentando as aulas, realizar as atividades propostas pelos professores etc.; outros afirmam que essa participação se dá no grêmio ou por se opor a ele, cobrar mais políticas de ação social do núcleo gestor e outros aspectos citados na reunião.

Iniciando agora o link entre a realidade observada e a compreensão da leitura sugerida no texto de Dayrell, podemos mais uma vez contextualizar as diferenças entre as participações escolares. No texto, os gremistas são oposição ao núcleo gestor, o que não acontece com o grêmio da escola observada na presente pesquisa, que faz questão de expor a relação de amizade que se estabeleceu entre os gremistas e gestão, e de como eles enxergam na coordenação um ombro amigo na resolução de problemas escolares e pessoais. Mas essa não é a visão de todos os estudantes, alguns trouxeram opiniões bastante ácidas da real situação gestão e aluno, por exemplo, quando se falou da dificuldade em ter acesso a diretora, quando um dos estudantes disse que em dois anos na escola só chegou a vê-la duas vezes. Muito parecido com o texto, umas das líderes de turma trouxe um relato de muita indignação, ela nos contou que há alguns anos havia elaborado um projeto para incentivar que os outros colegas frequentassem a biblioteca, assim como ela e seus amigos mais próximos e quando foi apresentar esse projeto para a gestão, teve sua ideia barrada sob o discurso de que isso não era trabalho deles e que a escola não tinha recursos para realizar o projeto.

Outro aspecto em que a conjuntura da escola Profa. Fortaleza se assemelha a leitura, é quando o autor fala que os embargos nem sempre acontecem por dificuldades administrativas da escola e sim, por vezes, por questões conflituosas entre gestão e corpo estudantil, em que a diretora, maior autoridade dentro da instituição, sente a hierarquia escolar abalada, quando os alunos participam "demais" das políticas escolares. Pois, enquanto a estudante fora do grêmio teve o pedido para a realização do seu projeto negado, os integrantes do grêmio, que foram indicados pela gestão, contam com alegria, que todas as ideias e decisões surgiram em reunião com a direção e a coordenação.

Diante do exposto pelos jovens durante o encontro, percebemos a formação para gestores em prol de melhores condições de vivências entre estudantes (gremistas ou não) para que não haja essa disputa tão acirrada de poderes dentro da escola.

É muito importante citar a necessidade percebida que esses jovens sentem de falar e de serem ouvidos, em se tratando de assuntos mais próximos de suas realidades e que, em

oportunidades como essas, onde a academia se aproxima deles enquanto ex-alunos de escolas públicas, eles se sentem mais valorizados e mais próximos da realidade acadêmica, quando se estabelece esses laços de proximidade e respeito mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho identificou, por meio da fala dos jovens, o entendimento que os mesmos têm em relação a sua ação participativa no que tange à tomada de decisões e atuação nos diversos espaços escolares, enquanto situados nos diferentes contextos históricos e socioculturais, a importância da escola considerar o protagonismo estudantil como uma porta de acesso à socialização e ao crescimento pessoal e cognitivo desses jovens.

Percebemos que representantes do grêmio escolar que opinaram no referido trabalho, reconhecem, desde suas propostas na recente campanha eleitoral, a necessidade da participação conjunta entre gremistas e não gremistas de, mais próximos, ocuparem espaços diversos na escola, de modo que sejam contemplados interesses heterogêneos dos sujeitos que a compõem, possibilitando democraticamente a participação de todos e todas em tomadas de decisões e ações propostas pela/para a comunidade escolar.

Ressaltamos, também, que é recorrente em suas falas a importância da escola aderir à participação da comunidade em seus espaços, seja para utilização da quadra de esportes ou pela necessidade da aproximação dos pais em encontros para se discutir assuntos de interesse social, como temas relacionados à realidade da comunidade, como “drogas, sexualidade, saúde, etc.”. Todavia, observamos que, em alguns momentos, foram feitas críticas à não participação da gestão escolar como facilitadora para aprovação da tomada de decisão dos alunos, atuando como intervencionista em promoções realizadas pelos gremistas e não gremistas, o que impossibilita tornar a escola um ambiente plural e, por consequência, democrático.

Dessa forma, podemos inferir que, sendo a escola um espaço social, cujas várias formas de educação se misturam à vida das pessoas com o objetivo de possibilitá-las aprender, ensinar e aprender-e-ensinar, a participação ativa dos seus sujeitos é um desafio que merece reflexões sobre as condutas que permeiam as diversas situações vivenciadas no cotidiano em busca da aprendizagem e de seus significados. Podemos, também, demonstrar que a educação formal e não formal, podem atuar de forma conjunta, havendo troca de experiências que corroboram para reinventar a vida do grupo e, individualmente, de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. MARTINS, Francisco. **Juventude e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar.** Observatório da Juventude, UFMG, 2013.

DIÓGENES, Glória. **Cartografia da cultura e da violência:** gangues, galeras e o movimento Hip Hop. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. Características essenciais do Kula. In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: Argonautas do Pacífico Ocidental [1922]. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

SILVA, Héli da Lopes. **Percepções do Ser Jovem no Titanzinho: uma análise da autoimagem juvenil em Fortaleza/CE.** 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho:** a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência como método.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.